

## Temperatura global recorde e seca na Amazonia entre 2025-2029<sup>1</sup>

Assis Moreira<sup>2</sup>

Os próximos cinco anos poderão continuar a registrar temperatura recorde globalmente, incluindo seca na Amazonia, com impactos sobre as economias, a vida diária das pessoas, os ecossistemas e o planeta como um todo. A projeção é da Organização Meteorológica Mundial (OMM), uma agência das Nações Unidas.

O ano de 2024 foi o mais quente já registrado em 175 anos. O nível atual de aquecimento está intensificando as ondas de calor, as precipitações extremas, as secas intensas, o derretimento das calotas polares, do gelo marinho e das geleiras, bem como o aquecimento dos oceanos e a elevação do nível do mar.

Agora, depois de o mundo passar pelos dez anos mais quentes já registrados, a OMM publica nesta quarta-feira um relatório mostrando que não há sinais de diminuição das turbulências climáticas.

A estimativa é de que as temperaturas permaneçam em níveis recordes ou quase recordes nos próximos cinco anos. A temperatura média anual da superfície global para cada ano entre 2025 e 2029 poderá variar de 1,2 graus Celsius (°C) a 1,9 °C acima da média dos anos de 1850 a 1900.

A OMM há tempos avisa que a temperatura vai esquentar mais. A diferença agora é que a probabilidade é cada vez maior. Assim, prevê probabilidade de 80% de que pelo menos um ano entre 2025 e 2029 quebre o recorde de ano mais quente já registrado. E de 86% de que pelo menos um desses anos fique mais de 1,5°C acima dos valores pré-industriais.

Aponta probabilidade de 70% de que o aquecimento médio de cinco anos para o período de 2025 a 2029 ultrapasse 1,5°C. Isso representa um aumento em relação à probabilidade de 47% do relatório anterior (para o período de 2024 a 2028) e à probabilidade de 32% do relatório de 2023 (para o período de 2023 a 2027).

Cada fração de grau de aquecimento adicional intensifica as ondas de calor, as precipitações extremas, as secas intensas, o derretimento das calotas polares, do gelo marinho e das geleiras, bem como o aquecimento dos oceanos e o aumento do nível do mar.

Prevê que as temperaturas próximas à superfície em 2025 sejam mais altas do que a média de 1991-2020 em quase todas as regiões do globo, exceto em partes do Pacífico

<sup>1</sup> Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/assis-moreira/coluna/planeta-mais-quente-e-seca-na-amazonia-entre-2025-2029.ght>  
ml Acessado em 28.05.2025

<sup>2</sup> Correspondente do Valor em Genebra desde 2005. Cobriu 28 vezes o Fórum Mundial de Economia e numerosas conferências ministeriais em dezenas de países.

Sul e do Oceano Antártico.

O padrão médio de precipitação previsto para o período de maio a setembro entre 2025 e 2029 mostra, por exemplo, condições mais secas na Bacia Amazônica e mais úmidas no Sahel, no norte da Europa, no Alasca e no norte da Sibéria.



Em 2024, embarcações encalhadas na comunidade de Nossa Senhora de Fátima, devido ao nível baixo do rio Igarapé Tarumã-açu, em Manaus — Foto: Neddermeyer/Agência Brasil

O aquecimento do Ártico durante os próximos cinco invernos prolongados (novembro a março) poderá ser mais de três vezes e meia maior que a média global.

A concentração de gelo marinho deverá diminuir nos mares de Barents, Bering e Okhotsk.

O sul da Ásia poderá continuar a registrar mais chuvas do que o normal entre 2025 e 2029, embora não necessariamente em cada uma das estações durante esse período.

A OMM nota que os limites de aquecimento de 1,5°C e 2,0°C especificados no Acordo de Paris referem-se aos níveis de aquecimento de longo prazo calculados com base nas temperaturas globais, geralmente em um período de 20 anos. Espera-se que violações temporárias desses limites ocorram com frequência cada vez maior à medida que o aumento da temperatura global se aproxima desses níveis.

Em março deste ano, a OMM já tinha publicado relatório mostrando como a América Latina e o Caribe foram atingidos com condições meteorológicas extremas e com os efeitos do clima em 2024.

As chuvas, as inundações, as secas, o esgotamento das geleiras e os incêndios florestais bateram recordes na região, piorando a situação socioeconômica.

“Em 2024, os efeitos do tempo e do clima reverberaram dos Andes à Amazônia, de

idades populosas a locais costeiros, causando grandes perturbações econômicas e ambientais”, segundo a OMM. ‘A seca e o calor extremo alimentaram incêndios florestais devastadores. Chuvas excepcionais causaram inundações sem precedentes, e nunca antes um furacão de categoria 5 se formou tão cedo na temporada”.



Área de Porto Alegre alagada pelas fortes chuvas e que provocaram a cheia do Lago Guaíba — Foto: Gustavo Mansur/Palácio Piratini

Os padrões de chuva foram influenciados pelo El Niño no primeiro semestre do ano. Por exemplo, a Amazônia e o Pantanal sofreram uma seca generalizada, com chuvas de 30 a 40% abaixo do normal.

Os incêndios florestais na Amazônia e no Pantanal, na região central do Chile, no México e em Belize foram alimentados pela seca e por ondas de calor extremas.

As enchentes causadas pelas fortes chuvas no Rio Grande do Sul se tornaram o pior desastre climático do Brasil, causando perdas econômicas de cerca de R\$ 8,5 bilhões no setor agrícola.

Para a OMM, o aumento da frequência e da intensidade de secas, inundações e ondas de calor, bem como mais intensidade dos furacões, estão elevando os riscos para o setor agrícola e a segurança alimentar na região. As perdas de safra e de gado e a interrupção das cadeias de suprimentos tem um impacto significativo na disponibilidade de alimentos, na renda e na estabilidade dos meios de subsistência rurais.

De acordo com o relatório, é essencial, nesse contexto, a América Latina colocar em prática estratégias de resiliência agrícola, antecipar as medidas a serem tomadas, fortalecer os sistemas alimentares e dar prioridade à mitigação das mudanças climáticas.